

Essa história começa pelo fim

Amanda Antônia de Oliveira Nogueira

Sempre tive muitas dificuldades em iniciar coisas. Iniciar processos, iniciar afazeres, iniciar conversas... Inícios são terríveis para mim. Geralmente, o fim causa em mim uma sensação gostosa de prazer. Desligar-se de um processo corriqueiro de minha rotina dói, não porque acabou, mas porque eu sei que preciso iniciar outro logo em seguida e todo esse caos de começar me antecede um estresse monumental. Sei que para a maioria das pessoas não funciona logicamente assim. Os términos é que causam arrepios. O fim de algo bom, o desgaste de terminar algo ruim, o desespero em acabar o que estava confortável... Todas essas sensações tumultuadas em um mesmo sentir. O sabor do acabado não é saboroso para os outros, mas para mim, é doce e é incrível.

Era uma noite de quinta-feira e eu estava observando as pessoas se movimentarem abaixo da minha janela. Carros apressados, pessoas apressadas, animais apressados, todos pareciam correr para algum lugar, assim como o tempo corria. Eu não estava com pressa de nada, exceto pelo desejo constante do fim de mais um dia. Desde que comecei a morar sozinha, pego-me rezando para que o dia termine logo e é um processo natural, torcer pelo fim. Olhar para fora da minha janela traz em mim um sentimento de afeição, não conheço a maioria das pessoas que passam por ali, mas sinto que elas me fazem muito bem enquanto fogem para suas vidas ou fogem delas, e eu nunca vou saber, porque eu não as conheço, então é prazeroso imaginar.

Tudo e todos corriam ali embaixo, até as folhas pareciam ser expulsas do caminho pelo vento apressado. Menos duas pessoas que ali se encontravam. Meus olhos simplesmente foram raptados pela vagareza de um homem e uma mulher que estavam estagnados em uma calçada. A princípio, eu não sabia distingui-los do resto do mundo. Estava tão acostumada com a pressa dos outros, que acabei os confundindo com postes, ou outra coisa. Isso já me arrebatou, por um instante refleti sobre minha própria estupidez, de não conseguir enxergar o sereno em meio a agitação do cotidiano. Depois me interessei pelo que acontecia com

aqueles dois. Não parecia estar certo e para eles não estava também. O homem encontrava-se agachado com as costas encostadas na parede, segurava seus próprios joelhos com os braços que apoiavam seu queixo. A mulher segurava um celular na mão e o batia repetidas vezes na calçada, não estava agachada como o homem que observava tudo com olhos tristes. Depois, ela falava alguma coisa e ele sequer abria a boca para dizer algo. Fiquei intrigada com a sensação que me atingiu. Aquela cena parecia ser o fim de algo. Normalmente, fins me agradariam, mas aquele causou uma sensação estranha em mim, um sentimento de solidariedade com aquele casal - julguei ser um casal pela serenidade do homem em olhar para a mulher e pela tristeza com que ela o olhava de volta. Ele parecia reconhecer algo ruim que fez aos dois, ela parecia não acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo, ali, numa calçada qualquer, de frente da minha janela. Relutei em obrigar-me a devolver a privacidade daqueles dois jovens que me cativaram. Minha vontade era de tentar ajudá-los, encontrar uma solução para o que quer que tenha acontecido, logo eu, amante de finais, detestei a ideia de os dois acabarem daquele jeito. Mas pensei que aquele homem a amava, pelo jeito como a deixou desabafar, pelo jeito como reconheceu que ela merecia algo melhor que aquele fim, pelo jeito como simplesmente aceitou que o fim era o certo. Pelo jeito como a deixou ir. Sem se mover, sem dizer uma palavra, sem impedir. Quando voltei a observar os dois, só encontrei no cenário anterior um deles. O homem do mesmo jeito, da mesma forma, só que sozinho agora. Vasculhei a rua em busca da mulher, não é possível que a tenha deixado ir, sem a ver sair, sem a ver dizer adeus. Mas paralisei quando olhei bem abaixo de uma árvore que ficava na esquina, uns vinte passos daquela calçada em que estavam os dois, estava ela sozinha, agachada, segurando seus joelhos e chorando, chorando sozinha, calada, com pressa...

Não sei o que aconteceu depois disso. Fui raptada pelo sentimento de fuga e decidi não acompanhar a saída dela dali. Eu não ia me permitir assistir àquele fim. Pela primeira vez, entendi como era o final das coisas para as pessoas e como doeu vê-la ali, abrindo mão de sua calma para chorar apressada como o vento e como tudo. Como tive raiva daquele homem, por tê-la deixado ir sem dizer nada, sem mover um músculo, sem cogitar o remendo de um ciclo para que outro pudesse acontecer. Como desejei não ter olhado para fora de mim

naquela noite. Algo nasceu em mim: empatia? Não. Fúria. Eu estava furiosa por ter presenciado a vida. Estava raivosa por ter entendido que, nem sempre, começar algo é ruim. Eu queria que aquela mulher começasse de novo, que amasse outra pessoa que não lhe permitisse chorar apressada numa rua qualquer, embaixo de uma árvore qualquer, em frente de uma janela qualquer, a vinte passos de um homem que deixava de ser seu para se tornar um qualquer. Queria que ele começasse de novo com outra pessoa e não a fizesse sofrer, não a ferisse como fez com aquela moça. Eu queria começar de novo a história daqueles dois. Tive desejo por um início mais agradável, mas o começo deles na minha vida, foi o fim de um para o outro. Decidi que odeio finais tanto quanto odeio começos. O frio na barriga de começar vem com a esperança de que pode ser bom, o frio na barriga de terminar vem com a prece subtendida de que talvez o próximo começo seja melhor. Canalizarei meu rancor aos frios na barriga, então, e estarei atenta para as próximas histórias que acontecem além da minha janela.

SOBRE A AUTORA:

Amanda Antônia é professora, ilustradora e mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros. Pessoa em formação contínua, filha das terras Gorutubanas de Janaúba – MG. Apaixonada pela vida agri-doce, pela beleza das durezas e pelas diversas possibilidades que a arte tem de libertar, tocar e permanecer.